

NO EMARANHADO DE IDENTIFICAÇÕES PROJETIVAS CRUZADAS COM ADOLESCENTES E SEUS PAIS¹

(Trabalho publicado na Revista brasileira de Psicanálise 31(3): 639-676, 1997, e modificado, em alemão em Kynderanalyse 12:183-230, 2003)

ROOSEVELT M. S. CASSORLA²

I- OBJETIVOS

Proponho-me, neste trabalho, a enfatizar alguns aspectos relacionados ao contexto analítico, em particular fatores relacionados aos pais do adolescente e vicissitudes do envolvimento emocional do analista.

Meu **objetivo específico**, será demonstrar a importância do objeto externo, atual, influenciando na maneira como os conflitos do adolescente se manifestam, fora e dentro do processo analítico, podendo interferir neste processo. Evidentemente, sem diminuir a indiscutível importância dos objetos internos, aspecto que mais interessa ao psicanalista.

Proponho que o adolescente se torna alvo preferencial de identificações projetivas maciças do objeto externo, atual, sendo mobilizado por elas, podendo contraidentificar-se e atuá-las. Ao mesmo tempo, demonstrarei que o analista fica sujeito às mesmas influências, de forma similar ao adolescente. Os objetos externos, geralmente os pais, através de identificações projetivas patológicas, tentam controlar o analista, diretamente ou através do jovem. A função do analista deve ser aproveitar essa ameaça para poder discriminar as fantasias, ansiedades e defesas envolvidos. Mas, ele corre o risco de também ficar envolvido de forma exagerada, passando a exercer, para o adolescente, a

¹Este trabalho se constitui na segunda versão de trabalho apresentado no I Encontro Psicanalítico da Comissão do Interior da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, realizado em setembro de 1995, em Marília-SP. A presente versão foi apresentada no Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Gramado, maio de 1997, onde recebeu o Prêmio “Mário Martins”.

mesma função dos aspectos projetados dos pais, ou numa reação inconsciente a eles, funções opostas ou derivadas.

O caminho inverso também pode ocorrer: o adolescente tentando controlar o analista, num conluio contra os pais, também objeto de controle. Este caminho é mais fácil de identificar, já que a convivência quase diária com o adolescente a torna patente. O outro caminho, dos pais para o analista, diretamente ou através do adolescente, costuma ser mais confuso ou sutil, principalmente se o jovem serve de intermediário, exigindo uma maior capacidade do analista.

No modelo que estou propondo, portanto, tanto o adolescente como o analista sofrem o efeito das identificações projetivas excessivas das figuras parentais. Quando analista e adolescente se encontram, sua comunicação poderá ficar perturbada, ambos podendo estar atuando as fantasias inconscientes dos pais, neles introduzidas, agora emaranhadas.

Um objetivo adicional, mas não menos importante, será demonstrar o valor das reações do analista às comunicações verbais e não verbais do adolescente e de seus pais. Essas reações podem demonstrar perturbação na relação analítica, e, ao mesmo tempo, se bem utilizadas, podem servir de instrumento potente para a compreensão do que está ocorrendo na interação da dupla, reflexo do funcionamento mental do paciente e também do analista.

Antes de passar ao material clínico ilustrativo (item IV) examinarei alguns conceitos teóricos, que subjazem ao modelo que estou propondo. No item II serão discutidos aspectos ligados ao processo de identificação, enfatizando-se os conceitos de identificação projetiva, identificações complementares e concordantes, e contraidentificação projetiva. Com isso teremos pistas que facilitarão a compreensão dos cruzamentos e emaranhamento de identificações, principalmente no trabalho com jovens. O leitor que preferir, poderá deixar este item para um momento posterior, após a leitura do material clínico (item IV), pois sua função é discutir os conceitos ali ilustrados.

²Membro Efetivo - Sociedade Brasileira de Psicanálise de S.Paulo.

No ítem III apresentarei aspectos da adolescência que interessam aos objetivos deste trabalho. No ítem IV os objetivos são retomados e demonstrados com o material clínico.

II -IDENTIFICAÇÕES PROJETIVAS CRUZADAS

Para compreender e ilustrar este fenômeno, e em particular na adolescência, teremos que discutir os conceitos que se seguem:

1.IDENTIFICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Entendemos por identificação ao conjunto de operações que determinam o processo de estruturação que ocorre dentro do "self", baseado na seleção, inclusão e eliminação de elementos provenientes dos objetos externos, dos objetos internos e de partes do "self" (GRINBERG, 1976).

A percepção de identidade, processo normal estruturante do indivíduo, se processa através de uma seqüência de identificações introjetivas, culminando numa integração e discriminação de objetos, internos e externos. O primeiro objeto identificado introjetivamente será o "seio bom", que se constituirá em núcleo no qual se apoiam as demais identificações. Se na infância o processo identificatório vai estruturando o "self", será na adolescência que se constituirá a identidade adulta, baseada na assimilação de objetos ou características de objetos externos, que se sobrepõem e interagem com os objetos internalizados mais precocemente. Esses mesmos objetos, por sua vez, determinam a premência de novas identificações.

Assim, se predominam identificações anteriores com objetos "bons", mesmo durante o processo de desestruturação-reestruturação normal da adolescência, o interjogo projetivo-introjetivo privilegiará a identificação com outros objetos do mesmo teor. Caso predominem identificações precoces com objetos "maus", durante o processo adolescente ocorrerá um aumento na intensificação de fantasias de eliminá-los, através de descargas (processos projetivos, incluindo a identificação projetiva), e uma dificuldade

em introjetar objetos "bons". Para que o sentimento de identidade se torne coeso, as identificações introjetivas terão que predominar sobre as projetivas.

A adolescência, poderá ser, no entanto, uma oportunidade, às vezes a última, em que se podem mobilizar alguns aspectos internos mais ou menos estruturados, substituindo-se objetos "maus" por objetos "bons". Aqui, o adolescente precisará de continentes que metabolizem os objetos descarregados, e possam devolvê-los como objetos mais bondosos, toleráveis, pensáveis, num mecanismo similar ao que descreveremos abaixo, como capacidade de "reverie" materno. O ambiente externo, principalmente os pais, professores e outros membros da sociedade, serão os agentes desse processo, ou o analista, se estiver ocorrendo o processo analítico. Mas, nem sempre esses objetos, principalmente os pais, têm essa capacidade, ocorrendo um interjogo de descargas que contaminam todas as pessoas envolvidas.

A identificação projetiva se prende à fantasia onipotente de que partes não desejadas da personalidade e dos objetos internos, são cindidas, projetadas e controladas no objeto, dentro do qual foram projetadas. Trata-se, inicialmente, de um mecanismo primitivo de relação com o objeto, relacionado à posição esquizo-paranóide (KLEIN, 1946; 1955). Na adolescência, em que mecanismos regressivos são retomados, a intensificação desse mecanismo ocorrerá, com vigor, atingindo vários objetos, entre eles os pais e a "turma". Sob outro prisma, podemos dizer que a turbulência emocional da adolescência intensifica o movimento PS<->D (BION, 1963) tanto como um mecanismo normal, como podendo envolver excessos. Mas, esses excessos podem fazer parte do que se chama "normal anormalidade da adolescência" (ABERASTURY & KNOBEL, 1971), em que mudanças catastróficas (reformulação de conteúdos e continentes) ocorrem intensamente.

No entanto, a identificação projetiva age não apenas em momentos regressivos. Ela é considerada a base da comunicação, estimulando o receptor a perceber as experiências do emissor, incluindo as ameaçadoras, com a esperança que aquele as contenha até que percam essas qualidades. Também, através da identificação projetiva, o indivíduo esquadrinha o interior do outro, e pode re-introjetar o que projetou, mas agora modificado por aspectos do objeto. Esta seria a base da empatia e da capacidade de compreensão.

Através de identificações projetivas, portanto, efetua-se tanto a comunicação normal, como a evacuação da realidade psíquica, perturbadora. No último caso, no entanto, o conteúdo projetado se torna persecutório e ameaça ser enviado de volta pelo objeto, com a fantasia de reintrojeção violenta. O modelo continente-contido de BION (1962) nos explica as possibilidades comunicativas e de contenção da descarga: através de identificações projetivas, o bebê descarrega seus terrores dentro da mãe. Esta, ao "metabolizá-los" (através de sua função alfa) permite que o bebê as reintrojete e desenvolva sua própria função alfa (BION chama "reverie" a essa capacidade materna). A partir da introjeção da função alfa da mãe, o bebê vai elaborando sua capacidade de pensar. Mas, a comunicação através de identificações projetivas continuará pelo restante da vida, elementos da vida anímica "não pensáveis" sendo introduzidos dentro dos objetos com funções de descarga, controle e também comunicação.

Quando a identificação projetiva é "excessiva", "maciça" ou anormal, estamos nos referindo não à intensidade quantitativa, mas a sua natureza onipotente e a seus fins principalmente sádicos e destrutivos. O controle onipotente do objeto, que ocorre nesses casos, leva a uma confusão com este, a uma ameaça de retaliação e um temor à desintegração. A formação de símbolos fica prejudicada e misturam-se as realidades interna e externa, que ficam indiferenciadas. Em casos extremos, na psicose, a cisão é intensa e partes do ego (em particular as funções de percepção) se mesclam a objetos externos, possuindo-os e por eles sendo possuídos, o indivíduo sentindo-se cercado do "objetos bizarros". (BION, 1956).

Outra função da identificação projetiva é a defesa contra a inveja, proveniente da percepção da dependência do objeto (ROSENFELD, 1987). Penetrando dentro do objeto e fazendo suas as partes invejadas, o sujeito se torna proprietário de tudo o de valioso que o objeto tem. Estamos no campo do narcisismo onipotente, em que a realidade do objeto é negada, vivendo-se num estado de fusão com ele. Por vezes, os aspectos invejosos são expelidos dentro do objeto externo, que é vivido como invejando o emissor.

O grau de normalidade ou patologia da identificação projetiva durante o processo vital, incluindo-se a adolescência, dependerá, portanto, das vicissitudes das relações objetais precoces. Se os primeiros objetos não tiveram capacidade de lidar com as ansiedades daqueles momentos, não puderam receber as partes do "self" que o

bebezinho aterrorizado lhes enviava, o funcionamento normal da identificação projetiva será inibido, predominando o uso dela de forma patológica. Caso, além disso, o objeto que não conseguiu funcionar como continente, use o bebê como objeto de suas próprias projeções violentas, a situação será mais grave. No adolescente, o mesmo poderá ser revivido, com grande vulnerabilidade.

Todas essas funções da identificação projetiva, e outras ainda mais regressivas, podem ocorrer concomitantemente. Veremos adiante, como elas se manifestarão, particularmente, no adolescente.

2. IDENTIFICAÇÕES PROJETIVAS CRUZADAS E CONTRAIDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Ao mesmo tempo que o indivíduo utiliza os mecanismos de identificação projetiva, o receptor, aquele objeto que é alvo das identificações projetivas, reage a elas. Já vimos o modelo bioniano, em que se espera que o objeto possa contê-las e devolvê-las "metabolizadas". Espera-se que esse seja também o papel dos adultos, dos pais, quando lidam com as ansiedades e fantasias perturbadoras, que o adolescente projeta em seu interior. O analista será o objeto, por excelência, que se presta a essa função.

Vou, inicialmente, aproveitar conceitos de RACKER (1960) para expor o destino dos conteúdos projetados, dentro do objeto³. Quando o objeto aceita, conscientemente, tudo o que está ocorrendo com o objeto emissor, e o compreende, estão ocorrendo *identificações concordantes*. Essas identificações baseiam-se na ressonância do externo com o interno, na possibilidade de reconhecimento do alheio como também fazendo parte de si, e na equiparação do próprio com o do outro. Para RACKER (que estuda essas idéias no referencial da contratransferência), as identificações concordantes correspondem a uma revivescência de processos do analista, porém consciente e discriminadamente, o que se torna a base para a contratransferência positiva, sublimada, que permite a empatia.

³Neste momento presto também uma homenagem a esse autor, cujas idéias, do final da década de 40, anteciparam as mais conhecidas, de HEIMANN, 1950, e contém em essência, muito do que tem sido desenvolvido em anos recentes, por analistas kleinianos.

Na época de seus escritos o conceito de identificação projetiva ainda não se impusera, e ele não o utiliza. Mas, hoje, certamente, podemos propor que o processo descrito se confunde com o chamado uso normal da identificação projetiva, implicando também a capacidade de “reverie” materno e é a base das formas de comunicação humana baseadas na empatia e capacidade de compreensão, como se esperaria que ocorresse, predominantemente, com os pais de um adolescente. Mas, penso que estas formas de lidar com os conteúdos projetados, deve ter também componentes inconscientes, e se revestem de processos projetivos do receptor, que concomitantemente esquadriham o emissor.

RACKER chama de *identificações complementares* ao resultado das identificações do analista com objetos internos do paciente. O analista se sente tratado como esses objetos internos e os vivencia como próprios. Na transferência complementar o analista "repete" vivências anteriores, representando o analisando objetos internos do analista. Fica claro, que o analista, neste caso teve reativadas suas próprias ansiedades e fantasias com seus objetos internos, estimulados pelos conflitos do paciente. A contratransferência complementar inclui, sempre, um aspecto ou reação do analista, dependente de seus próprios conflitos.

Pode-se propor, neste momento, que as identificações complementares decorrem tanto de identificações projetivas anormais do paciente, que atingem o analista, como da ação de conteúdos internos não suficientemente elaborados do analista, mobilizados pela sua relação com o analisando, ou, mais comumente, uma somatória dos dois processos. Em outras palavras, a mobilização do mundo interno do analista vai ocorrer principalmente pela internalização de conteúdos que lhe foram enviados, através de identificações projetivas do analisando, sem que se descarte a possibilidade do analista projetar sobre o paciente conteúdos próprios (do analista), identificando-os com aspectos daquele. Como já vimos, se isso ocorresse de forma *concordante*, estaríamos no terreno da comunicação útil para o processo analítico. Mas, ocorrendo de forma *complementar* (isto é, predominando identificações projetivas anormais), ocorrerá perturbação na relação analítica.

Se ampliamos os conceitos para além da relação analítica, para as relações interpessoais, podemos supor que o emissor atinge o receptor através de identificações

projetivas e este reage a elas através da mobilização de aspectos de seu mundo interno. O que não impede que também existam componentes projetivos próprios, não necessariamente mobilizados pelas projeções do emissor.⁴

No caso do adolescente e seus pais, teremos um jogo de externalização e internalização, os pais introduzindo no adolescente conteúdos expelidos, através de identificações projetivas, que por sua vez mobilizam objetos internos do jovem. O mesmo pode ocorrer, em sentido inverso, o adolescente projetando dentro dos pais, mobilizando objetos internos dos adultos. Certamente, os dois processos ocorrem concomitantemente, num cruzamento de identificações projetivas e de reações a elas, podendo predominar um ou outro sentido. E, isso ocorre tanto de forma normal, com funções de comunicação, como excessivamente, visando o livrar-se de conteúdos, através de mecanismos envolvendo o objeto por meio de intrusão, controle, fusão, etc.

Existe ainda outro conceito, que me parece importante, ao estudar as conseqüências do que estou chamando identificações projetivas cruzadas. Trata-se do que GRINBERG chama de *contraidentificação projetiva*. Em seu último trabalho sobre o tema (1982) esse autor nos diz, referindo-se à identificação projetiva: "Sempre sustentei, e creio ter sido um dos primeiros em assinalá-lo, que essa "fantasia onipotente" ia *além (iba más allá)*, produzindo efeitos reais no receptor. Precisamente em meu trabalho de 1957 (GRINBERG, 1957) criei o termo "contra-identificação projetiva" para referir-me à resposta específica do analista às identificações projetivas do analisando, independentemente de suas próprias emoções. Acrescentei, então que "o analista reage, incorporando, em forma real e concreta, os aspectos que se lhe projetaram".

Se no início o conceito parecia propor uma dificuldade quase intransponível na relação, contaminando o analista, que ficaria tomado pelas projeções do analisando, mais tarde, GRINBERG (1982) assinalará que: "Na atualidade, penso que a contraidentificação projetiva não tem porque ser o elo final da cadeia de complexos acontecimentos que ocorrem no intercâmbio das comunicações inconscientes, com pacientes que, em momentos de regressão, funcionam com identificações projetivas patológicas. Ao contrário, creio que pode ser também que, bem compreendidas e sublimadas, possam

⁴ MONEY-KYRLE (1956) enfatizou este uso. No entanto ele é criticado por alguns (HINSHELWOOD, 1992). Penso que a ampliação do conceito para todas as relações humanas se impõe por si mesma.

converter-se em instrumentos técnicos utilíssimos para entrar em contato com os níveis mais profundos do material dos analisandos, de um modo análogo ao descrito por RACKER e por P. HEIMANN para a contratransferência. Mas, para poder consegui-lo, seria necessário estarmos mais *dispostos* a receber e conter, por todo o tempo que fosse necessário, as projeções do paciente. E nem sempre sucede assim. Em muitas ocasiões surge o temor de sentir-nos invadidos pelos conteúdos psicóticos de tais projeções, porque podem chegar a ameaçar nosso próprio equilíbrio psíquico. Tentamos defender-nos, então, rejeitando-as de diferentes maneiras".

Tenho observado que a maneira mais comum de rejeitar esses conteúdos que nos foram impingidos, será expelindo-os de volta dentro do paciente, se nossa função analítica estiver prejudicada. Mas, poderá ocorrer que essa expulsão seja dirigida a outro objeto externo ou a objetos internos do próprio analista. Voltando a nosso modelo, a reação do adolescente às projeções maciças dos pais, poderá ser uma contraidentificação projetiva. O não suportar o conteúdo que lhe foi introduzido, fará com que ele seja expelido, de volta para os pais, ou para outro objeto, incluindo o analista. O caminho inverso, identificações projetivas do adolescente introduzidas nos pais, que as expõem de volta dentro do jovem, ou do analista, também poderá ocorrer. O analista, espera-se, que a partir de sua análise pessoal, tenha a capacidade de conter as identificações projetivas, sem atuá-las. E, para isso, como escreve GRINBERG, deve estar disponível para contê-las, por todo o tempo que for necessário. Mas, como veremos adiante, nem sempre isso é possível.

Atualmente, praticamente todos os autores da escola kleiniana, aceitam que o analista deve estar disposto e preparado a usar seus próprios sentimentos como fonte de informação sobre o que ocorre na relação, tomando-se alguns cuidados (SPILLIUS, 1994; ALVAREZ, 1994). Concordo integralmente com STEINER (1991), para quem o analista deve observar suas próprias reações na relação com o paciente (comumente desencadeadas por identificações projetivas), em relação à totalidade da situação na sessão e usá-las para compreender o que o paciente está projetando nele. Mas, sugere uma corroboração adicional, para que essa compreensão seja confiável: colegas, supervisores, e, sobretudo a ajuda que o próprio paciente lhe dá, através das reações a suas interpretações, incluindo suas críticas. Na verdade, penso que será o próprio

desenrolar da relação, verificada minuciosamente, que nos indicará se nossos sentimentos e reações estão sendo utilizadas criativamente, a partir da identificação sadia com aspectos do mundo interno do paciente ou se eles dependem de aspectos inadequados do analista. A validação ocorre na própria relação analítica, e o analista deve ter uma parte de sua mente suficientemente capaz de observar o que está ocorrendo dentro dele, dentro do paciente, e, em última instância, primordialmente *entre* os dois membros da dupla, sendo capaz de, por vezes, ousar um processo de ensaio e erro, para discriminar o que realmente está ocorrendo. Estou consciente, neste momento, que minha proposta pode não ser aceita por alguns, que exigiriam que o analista nunca "errasse". Mas, na prática, o ensaio e erro sempre existem, ainda que o analista não o admita. Minha proposta é que sua admissão faça com que esse processo, próprio da investigação científica, tornado consciente possa ser realmente útil.

Muitos outros autores têm estudado as reações adequadas, inadequadas, compreensíveis, prejudiciais, etc., do analista a este tipo de comunicação, e elas foram discutidas em outros trabalhos (CASSORLA, 1990; 1991B, 1996), enfatizando-se a contribuição de colegas brasileiros, no primeiro. Outra discussão, em nosso meio, em particular na adolescência, também foi efetuada, aprofundadamente, por LEVISKY (1995). Meu objetivo, neste trabalho, é outro, e por isso remeto o leitor interessado nesses aspectos, para aqueles textos.

O que me importa, neste momento, é demonstrar que existe um interjogo de identificações projetivas e introjetivas, em que ficam envolvidos adolescente, paciente e pais do paciente, quando não outros objetos. As identificações projetivas, intensas, mobilizam aspectos internos do objeto, que se manifestam através de identificações complementares, ou/e provocando contraidentificações projetivas.

Na medida em que estamos ampliando estes conceitos para as relações humanas, em geral, fica difícil distinguir quando as reações do adolescente ou dos pais se devem a identificações complementares (isto é, envolvendo conflitos próprios do receptor) , ou quando se trata de contraidentificações projetivas (envolvendo reações ao emissor, sem participação dos conflitos do receptor) . No entanto, quando se trata de uma relação analítica, isto pode ser menos difícil, ainda que nem sempre possamos ter a certeza

absoluta de que não estão entrando em jogo também ansiedades e conflitos do profissional.

Tenho convivido com uma forma, resultante de identificações, que tem me parecido bastante útil para diferenciar esses aspectos: a discussão do material de pacientes difíceis, em grupo. De uma forma resumida, venho observando o que se segue, em grupos de estudos em que se criou um clima onde os analistas podem expor-se, sem contrangimentos, e que valorizam os sentimentos mobilizados pelo material. Se os membros do grupo reagem ao material apresentado, da mesma maneira ou de maneiras que se enriquecem, nos defrontamos com material projetado do paciente, podendo também ocorrer contraidentificações projetivas grupais, que bem observadas, auxiliam a compreensão do que ocorre. Quando o grupo se cinde, sem que se consiga uma harmonia, foram mobilizados aspectos do analista, partes do grupo identificando-se com aspectos do paciente e outros com aspectos do analista. Quando o grupo manifesta confusão, tanto pode haver material confusional do paciente quanto do analista. Mas, no segundo caso, a confusão é maior e as defesas contra ela aparecem com intensidade (tais como ataques sutis ao analista ou a colegas), além do grupo ter dificuldades em se auto-observar para compreender o que ocorre, estimulando o supervisor a efetuar esse papel. Essas observações necessitam, evidentemente, de um aprofundamento maior, mas as divido com os colegas, no intuito de chamar a atenção para elas.

Resumindo, em relação ao conceito de GRINBERG, a violência das identificações projetivas que atingem o analista, e parece que isso ocorre independente do analista, e se espalha por supervisores diferentes e pelos integrantes de seminários clínicos, torna convincente a realidade do fenômeno da contraidentificação projetiva, em que os conflitos do analista pouco ou nada entram em jogo. Poderíamos, hipoteticamente, supor algo parecido em relação ao adolescente e seus pais, ou outros objetos, mas aqui a prova fica mais difícil. De qualquer forma, observamos, que identificações projetivas cruzadas são atuadas por pais, jovem, namorados, "turma", etc. e o analista é também estimulado a isso. Que as identificações projetivas causam algo no outro, parece não existirem praticamente dúvidas.⁵ O que não sabemos, muitas vezes, é quanto o objeto receptor

⁵Isso é praticamente unânime entre os autores kleinianos contemporâneos (CASSORLA, 1990; SPILLIUS, 1991; FERRO, 1995). Mas, já em 1973, nas *Conferências Brasileiras*, BION assinalava: "... quando o paciente parece estar vivenciando uma identificação projetiva ele *pode* me fazer sentir-me perseguido, como se pudesse, na verdade, expelir

atua somente as fantasias do emissor, e quanto se mescla com seus próprios conflitos reativados.

De qualquer forma, os conteúdos expelidos através de identificações projetivas intensas, atingem o receptor, e este, os expelle novamente, mais ou menos puros ou misturados com aspectos próprios, para o emissor ou/ e para outros objetos. Dessa forma os conteúdos podem “circular” pelo ambiente, sendo mais ou menos intensificados. Pais ou outras figuras, suficientemente continentais, poderão, ao "metabolizar" esses conteúdos, promover crescimento. Geralmente, porém, nos nossos jovens em análise, isso não ocorre. Ao contrário, comumente eles servem também como receptores de descargas dos pais. O analista é incluído no processo, e, espera-se que ele seja capaz de quebrar o ciclo, modificando o conteúdo, para que não seja mais necessária sua expulsão violenta.

O processo que estou descrevendo se aproxima do que GRINBERG (1976) descreve na atuação psicopática. Diz ele que a intrusão violenta das identificações projetivas dentro do objeto, faz com que se paralitem as funções egóicas normais, impedindo que o ego possa tomar as medidas adequadas para não ser subjugado por sua influência. Em termos bionianos, a função alfa do objeto fica temporariamente inibida pela intensidade do impacto e a experiência é convertida em elementos beta, com uma qualidade similar aos "beta invasores" e com a mesma necessidade urgente de ser descarregada. Penso que isto pode ocorrer não somente na atuação do psicopata, mas em momentos de crise, como na adolescência, em que mecanismos similares são utilizados, num ego que está fragilizado pelos processos de desestruturação-estruturação. Os pais do adolescente, por sua vez, também ficam mais vulneráveis, pois, como veremos, estão vivendo processos paralelos aos do seu filho, conteúdos de ambos podendo emaranhar-se de formas as mais variadas.

III-IDENTIFICAÇÕES E VICISSITUDES DA ADOLESCÊNCIA

certos sentimentos maus e empurrá-los para dentro de mim, de modo que, na realidade, eu experimento sentimentos de perseguição ou ansiedade" (p. 134). A seguir, discute a necessidade de outra teoria para conter esse fenômeno. Possivelmente ele não conhecia os trabalhos de GRINBERG, discutidos acima.

O adolescente se sente invadido por pulsões que reativam fantasias inconscientes e ansiedades primitivas. Ameaças de desestruturação se mesclam a tentativas de re-estruturação do "self". Mecanismos psicóticos, confusionais, persecutórios e depressivos, se misturam a neuróticos e tanto podem constituir-se como base para patologias como propiciar elementos para re-elaborações. A turbulência intra-psíquica se manifesta na dinamização dos movimentos EP \leftrightarrow D, com as conseqüentes mudanças catastróficas, que ocorrem tanto num meio K como num meio -K, mas de uma forma dinâmica, com desestruturações que confundem o observador não atento, que toma por patologia um movimento intenso, porém normal, antecedendo re-estruturações. Durante esse processo, os processos de externalização e internalização se acentuam, ocorrendo uma turbulência identificatória, ficando-se mais vulnerável à introjeção de objetos que reforcem ou alterem as identificações mais arcaicas.

Podemos dizer, portanto, que o adolescente está ávido de objetos, com os quais precisa identificar-se, para que sua identidade adulta se torne mais coesa. .E, por isso, ele é mais vulnerável à influência de objetos externos. Dessa forma, o jogo projetivo-introjetivo é efetuado de forma intensa e considera-se que o trabalho principal da adolescência é justamente a aquisição de uma identidade adulta, através desse interjogo de identificações.

MELTZER (1979) descreve a adolescência como uma ruptura da rigidez da latência, seguida de uma confusão de identidade ligada à re-emergência da severa cisão interna do "self", próprias dos períodos pré-edípico e pré-genitais. Isso leva a ondas de desejo genital em todas as suas formas infantis polimorfos e perversas. No desenvolvimento para a adultez, considera importante a fome-objetal, que leva à formação de pares.

A retomada de aspectos dos estados perverso-polimorfos, levando a excitações descoordenadas e desejo de gratificação imediata, provoca também identificações projetivas violentas. Ocorre uma potencialização dos aspectos sádicos de todas as zonas, ao funcionarem simultaneamente, junto com uma confusão provenientes da concomitância de fantasias diversas (GRINBERG, 1976).

Por outro lado, de minha experiência clínica, me fazem muito sentido as idéias de alguns autores (BLOS, 1985; PAZ, 1980; BLEGER, 1977), que consideram que na

adolescência se processa um segundo momento de desprendimento, equivalente ao momento da ruptura da simbiose infantil. Quando esta se rompe, devem existir condições para um adequado processo de desprendimento, ou individuação. Para isso o mundo interno deve estar povoado predominantemente de objetos bons, firmes e seguros. Em outro trabalho (CASSORLA, 1991A) propus que na adolescência ocorrem situações de simbiose normais, pelas quais o jovem como que se "re-abastece" para poder individuar-se, agora como adulto. Estas situações se alternam com fases de retraimento, que correspondem à outra face da moeda.

O estudo das identificações projetivas pode auxiliar-nos, neste momento. Como vimos, elas serão utilizadas de forma mais intensa, pelo adolescente. Além de sua função de comunicação de aspectos primitivos, revividos, através dela serão expelidas fantasias, objetos e partes do "self" que não são mais suportáveis. Espera-se que os adultos saibam como "desintoxicar" esses conteúdos, ou pelo menos, que se encarreguem deles, não os devolvendo ao jovem. Considero os momentos de simbiose normais, como uma tentativa de encontrar continentes que se encarreguem de tornar pensáveis conteúdos-"elementos beta", da mesma forma que ocorreu em fases precoces, na relação mãe-bebê. Espera-se que os pais, ou o ambiente possam fazer isso.

Já nas simbioses patológicas o adolescente tenta imobilizar no depositário seus aspectos indesejáveis, comumente conteúdos indiscriminados que são reativados durante o processo de re-estruturação adolescente (BLEGER, 1977). Identificações mais arcaicas que a projetiva podem ocorrer.

Concomitantemente, as identificações projetivas têm a importante função de negar a separação. O processo de desprendimento, que faz parte da adolescência, mobiliza ansiedades arcaicas. Através de fantasias de fusão ela é negada. Combate-se com isso, também, a percepção da dependência do objeto e a necessidade de independência sadia, em que se vivencie a diferenciação das figuras parentais. Essa diferenciação, além de provocar desamparo, também mobilizará inveja. Por mais que o jovem perceba os seus recursos, ainda assim se sente inferior às figuras parentais, e isso será mais ou menos intenso dependendo de como eles se constituíram como objetos internos anteriormente. As vicissitudes edípicas servem como pano de fundo a esse processo. O resultado será uma indiscriminação, o adolescente identificado projetivamente com as figuras parentais,

num mecanismo narcísico onipotente. No entanto, a ameaça de ruptura dessas defesas, será sentida como catastrófica.

Outro referencial, que se superpõe ao anterior, chama a atenção para a necessidade de elaboração de uma série de lutos durante o processo adolescente. Entre eles, o luto pelos pais da infância, pelo papel e corpo infantis e pela bissexualidade (ABERASTURY & KNOBEL, 1971). A capacidade de elaborar lutos dependerá de como foi possível lidar com perdas no passado, e a re-emergência de ansiedades confusionais, depressivas e paranóides vai ocorrer. Defesas tais como cisões e identificações projetivas, próprias da posição esquizoparanóide, serão utilizadas, aparecendo também seus derivados, o processo de fusão simbiótica surgindo como uma defesa contra essas ansiedades, principalmente a de desprendimento. Essa tomada de consciência da própria individualidade obrigaria o jovem a não poder negar seus intensos conflitos emergentes. Entre eles, não podemos deixar de assinalar, a revivescência da situação edípica, com seu emaranhado de fantasias e defesas.

Como vimos, o processo adolescente é muito complexo para ser descrito em palavras. As teorias, variadas, não são excludentes: são complementares, abordando o processo de vértices diversos. Mecanismos regressivos podem ser desestruturantes e, ao mesmo tempo, defesas adequadas que possibilitam uma re-estruturação. A revivescência de fantasias primitivas mobiliza ansiedades arcaicas, mas essa mesma retomada pode permitir que as fantasias sejam re-elaboradas. Processos de luto, de perdas, se misturam com ganhos e com a possibilidade de novos objetos que serão assimilados ao "self", num processo identificatório. E, defesas, tais como as identificações projetivas, poderão servir tanto como formas de comunicação e descarga, assim como ter funções patológicas, confusionantes e persecutórias, por exemplo.

Todo esse processo, que ocorre no jovem, mobiliza também aspectos das figuras parentais. Se o jovem tem que elaborar os lutos pela perda dos pais idealizados, estes têm que elaborar o luto pela perda dos filhos. Também se defrontarão com a realidade da passagem do tempo, com as mudanças corporais que os aproximam da velhice e com a diminuição real ou no futuro de sua potência vital. Não raro, se reativam componentes edípicos, ocorrendo fantasias contra-edípicas que envolvem seus filhos adolescentes. Outros aspectos, mais indiscriminados, poderão também ser mobilizados.

As identificações projetivas dos pais poderão ter funções complementares às dos filhos. Servirão como formas de comunicação, de elementos não pensáveis. Envolverão a descarga de conteúdos insuportáveis, que pode ocorrer dentro do adolescente. E, este pode ser também tomado como depositário de conteúdos paternos, nele imobilizados. A defesa contra a inveja é também possível: aqui, os pais sentem que dependem dos filhos, onde colocaram aspectos próprios. Perder esses aspectos é desestruturante, e através de identificações projetivas a fusão é mantida. Concomitantemente, ao não se perceber a separação, não se tem contato com a vitalidade e juventude do adolescente, que provoca inveja. Comumente, verifica-se que esses pais não puderam viver adequadamente seu próprio processo adolescente, que é revivido de uma forma patológica, e identificado nos filhos.

Em resumo, as vicissitudes do desprendimento, que pode levar a patologias, ocorrem em mão dupla: dos filhos em relação aos pais, dos pais em relação aos filhos, certamente em ambas as direções. Disso resulta um sistema de identificações projetivas cruzadas, muitas vezes complexo e confuso. Concomitantemente, existem outras defesas: fóbicas, obsessivas, psicopáticas, maníacas, que tentam manter mais controladas as ansiedades decorrentes do interjogo das fantasias inconscientes.

Evidentemente, tudo isso repercutirá na relação analítica, o analista sendo incluído no emaranhado, e tendo que cuidar-se para não ficar preso nele.

IV-PARTICIPANDO DO EMARANHADO DE IDENTIFICAÇÕES PROJETIVAS CRUZADAS

Como descrito acima, todos esses aspectos podem atingir o analista, que os usará para aprofundar o processo ou acabará sendo invadido por eles, prejudicando a relação analítica, e correndo o risco de não o perceber.

Essas considerações me fazem retornar ao objetivo básico deste trabalho. Discutir alguns problemas técnicos na psicanálise de adolescentes. Não creio que esses problemas não sejam percebidos por quem lida com jovens, mas, me parece que eles não são enfatizados suficientemente. Por outro lado, conhecê-los melhor nos ajuda também a lidar com pacientes não adolescentes, regredidos. São eles

1) A necessidade de conhecer melhor o objeto externo (geralmente os pais), para poder discriminar o que o adolescente está atuando, controlado por eles através de identificações projetivas, e ao mesmo tempo precaver-se de que o mesmo não ocorra com o analista, este correndo o risco de ser invadido tanto pelos pais reais como pelos pais internos do adolescente.

Isto, evidentemente, implica em valorizar as entrevistas e o contato com os pais, e, eventualmente, estimulá-los a lidarem com seus conflitos, de formas variadas, conforme o hábito do profissional.⁶

2) A necessidade do analista estar bastante atento para seus próprios sentimentos. Estou usando aqui o referencial discutido acima. Somente deixando-se invadir pelas identificações projetivas do jovem e da família, o analista poderá captar fantasias que não podem ser verbalizadas.

Espero que a ilustração com material clínico torne minhas idéias mais claras. Entre as numerosas situações do dia a dia do trabalho com adolescentes, escolhi apresentar duas, que poderiam ser consideradas paradigmáticas. A primeira, envolve uma adolescente, Paula, e sua família, enfatizando-se um momento psicótico. A segunda, já discutida em trabalho anterior, sob outro prisma, (CASSORLA, 1993), será abordada utilizando-se o referencial deste trabalho.

1. PAULA

Paula tem 16 anos e me foi encaminhada para análise por um colega psiquiatra. Já havia passado por vários profissionais, que "não deram certo". A mãe me conta, por

⁶Penso que excluir os pais, simplesmente, pode, além de estimulá-los a retirar o adolescente da análise, fazer-nos perder aspectos importantes. Não se propõe, evidentemente, que seja feita análise com os pais, mas que estes possam desfazer fantasias, trazer informações que os angustiam, solicitar indicações de outras formas de ajuda para eles mesmos. Fico aberto para que os pais me venham ver quando quiserem. O paciente deve sempre ser convidado a permanecer na sala, junto com os pais, mas, comumente preferem deixar-nos a sós, como que intuindo a necessidade dos pais terem também algum espaço.

Talvez devido a essa liberdade, os pais raramente me procuram e quando o fazem o contato é útil para o processo analítico. Por outro lado, quando acho necessário, chamo os pais, com o conhecimento do paciente. Este tema é melhor discutido em trabalho anterior (CASSORLA, 1996), onde também apresento o que chamei "impasse necessário", uma situação catastrófica em que a análise deve ser interrompida, para depois poder ser retomada, como ocorre quando existe risco iminente de suicídio ou de outras atuações incontroláveis.

Após as entrevistas com os pais, o analista trabalha as fantasias estimuladas no paciente, e isso é altamente recompensador.

telefone, que há alguns meses Paula está estranha, fechada, fazendo e falando coisas esquisitas. Nos últimos dias piorou, tem passado a noite em claro, aterrorizada com algo indefinido, e ontem bateu na empregada acusando-a de querer envenená-la. Acabaram de chegar de uma loja, onde agrediu uma funcionária, acusando-a de querer roubá-la.

Marco a primeira entrevista para dentro de 48 horas, mas, no dia seguinte a família aparece em meu consultório, sem avisar, enquanto eu atendia meu último analisando da tarde. Dizem que estavam vindo do psiquiatra e resolveram "dar uma passada". Mostro-lhes que não posso atendê-los, estou de saída, tenho compromisso. Insistem, querem apenas alguns minutos, que Paula me conheça.

Acho tudo muito estranho, mas movido por motivos não claros na ocasião, lhes digo que disponho de quinze minutos no máximo. A mãe, o pai e a adolescente entram juntos. Em minha sala, bastante ampla, tenho dois ambientes. Num deles existem três poltronas, onde faço entrevistas. Em outro espaço, contíguo, está o divã e a cadeira do analista, colocada atrás. Paula entra na frente, passa por mim e se dirige ao ambiente do divã. Surpreendentemente se senta na minha cadeira, atrás do divã. A mãe se senta numa poltrona, no ambiente mais próximo da porta. O pai fica em pé ao lado dela, um pouco atrás, e eu me sento numa outra poltrona, frente a eles. Uma poltrona, portanto ficou vazia e Paula está longe, na minha cadeira de analista, no outro espaço. A mãe me conta rapidamente que estão vindo do psiquiatra, informa que medicação está sendo usada e convida o marido a saírem da sala, deixando-me a sós com Paula.

Exceto ter comunicado que teria quinze minutos, todo o movimento da família foi efetuado espontaneamente, sem a minha interferência. Estou sentindo-me irritado, constatando como vou sendo invadido, mas ao mesmo tempo a situação me intriga, despertando-me curiosidade.

Quando os pais já saíram da sala e fazem menção de fechar a porta, Paula se levanta e os segue. Pela primeira vez ouço sua voz: diz que vai embora, que quer ir junto com os pais.

A família fica parada na porta de saída, a mãe me olhando interrogadoramente. Digo a Paula que se ela quiser ir embora, eu a espero amanhã no horário já marcado. Seguem-se alguns segundos de suspense e Paula volta, com uma expressão contrariada,

dizendo que vai ficar um pouquinho. Vejo a porta de saída sendo fechada por fora, pelos pais.

Paula se senta numa poltrona, agora próxima a mim. A seguir, se levanta e dirige-se para uma estante onde deixei alguns livros. Chama-me a atenção a seriedade de seu rosto, e sinto que seu olhar é desconfiado. Enquanto olha os livros, de costas para mim, me diz que já esteve aqui, que me conhece e que eu a conheço. Agora olha minha mesa: diz que todos os papéis e livros já estavam aqui, da outra vez que veio. Pergunto-lhe quando esteve aqui: diz que faz tempo, quando era criança. Continua observando os papéis e objetos da sala e de repente me diz: "eu vou embora" -dirige-se à porta, a abre e sai, enquanto eu lhe digo que a espero amanhã.

O que chama a atenção neste primeiro contato é a invasão em bloco da família. Já se suspeita tratar-se de uma família em que seus membros estão conglomerados, e assim se colocam intrusivamente. Mas, um movimento interessante é o de Paula sentando-se em minha cadeira, como que colando-se a mim, e tentando afastar-se dos pais. Estes caminham como que grudados - entram, passam-me a informação e retiram-se, deixando-me a sós com Paula. Parece-me um movimento em que deixam para mim uma parte do conglomerado, a parte que devo "consertar".

Quando os dois saem Paula os segue, como que puxada por um ímã. Nesse momento ocorre o suspense: o casal me olha interrogativamente, como que indagando: "v. fica ou não fica com Paula?". Minha reação, dizendo a Paula que "se ela quiser sair a vejo amanhã", me pareceu ser uma forma de dizer à família que eu estaria disposto a ajudá-la, mas não daquela forma, eu não seria intrusivo também.

Retrospectivamente, agora que conheço Paula profundamente, posso supor que, naquele momento, intuitivamente, disse a ela (e também aos pais): 1. que não vou separá-la bruscamente dos pais; 2. que se ela quiser ficar comigo eu a aceito, mas ela não vai ficar dentro de mim, controlando-me. Evidentemente, a situação externa também ajudou a que essa comunicação ocorresse.⁷

⁷A discussão do material envolverá hipóteses sobre o que ocorreu no momento apresentado, ainda que, muitas vezes, compreendidas após a sessão. Mas, também serão utilizadas hipóteses retrospectivas, decorrentes do conhecimento adquirido com Paula durante o processo analítico. Evidentemente, as suposições descritas coexistem com outras leituras do material.

Possivelmente, por isso, Paula fica, curiosa. Quem será essa pessoa que fica livre, fora do grude ao qual está acostumada e a deixa ir embora sem reclamar? Senta-se na minha frente, não está mais na minha cadeira. E, agora vai examinar-me. Vai esquadrihar-me, através do exame de meus livros e dos conteúdos de minha mesa. Está compenetrada, mas desconfiada do que encontrará, principalmente se haverá espaço para ela. Ao dar-me as costas quer saber, também, se eu suporto a rejeição, que ela sente constantemente. Quando me diz que já esteve aqui "quando criança" me comunica que "aqui" representa o corpo de sua mãe, o útero materno, o seio, aquilo que está buscando para superar sua ansiedade de separação, de morte.

No entanto, após esse primeiro exame, volta a ficar aterrorizada com a possibilidade de perder os pais reais, com os conteúdos que deixou dentro deles, e se retira bruscamente, em sua direção. Mas, pôde efetuar um ensaio de separação e de encontro com outra pessoa.

No dia seguinte: abro a porta da sala de espera e encontro a mãe sentada, lendo uma revista, na minha frente. Atrás da mãe há uma janela grande de vidro e vejo Paula olhando, do jardim, para a sala de espera, atrás da mãe. Minha sensação é de algo insólito, como se Paula estivesse superposta à figura da mãe, mas pelo fato de estar de pé, me pareceu ver uma imagem monstruosa: um corpo sentado com duas cabeças, a da mãe e acima dela, na mesma linha, a de Paula.

Paula percebe que abri a porta, passa do jardim para a sala de espera e entra direta e espontaneamente na sala de consulta. Parece um trator, sempre olhando para a frente. Vai direto para minha cadeira, atrás do divã. Sento-me numa poltrona e tenho que virá-la para poder vê-la, longe, sem ter que torcer meu corpo. Pergunto-lhe o nome, idade, onde mora, sobre seus irmãos (é a do meio, de 3 meninas), sua escola, etc. e me responde coerentemente, olhando-me nos olhos, me parece que desafiadoramente.

Em seguida, indago o que aconteceu. Responde evasiva: "nada". Digo-lhe que se está aqui é porque talvez esteja sofrendo. Acena que sim, com a cabeça. Agora me parece frágil. A seguir mostra o peito e o pescoço e faz uma careta como se estivesse sufocada. Diz: "angústia".

No momento seguinte ocorre uma transformação intensa: seu rosto mostra ódio, e grita agressiva: "meu pai quer que eu tome o remédio, eu não quero tomar. O que o sr. acha?". Enquanto fala, exaltada, se agita na cadeira. Percebo que exige uma resposta imediata. Fico em silêncio, sei que tenho que observar e sentir mais. Tira do bolso um papel, uma bula de remédio, e me diz que quer tomar este remédio e não o que o pai quer dar-lhe. E, continua: "o sr. não acha mais lógico eu tomar o remédio que eu quero e não o que meu pai quer?". Fala com uma certeza inabalável. Não consigo ver a bula e percebo que, entre outros estímulos, quer que eu me levante e me aproxime dela. Pergunta-me agressiva: "o que o sr. acha?".

Penso que neste momento Paula me pergunta de que lado eu vou ficar. Do lado dos pais ou do lado dela. Os pais estão dentro dela, como remédios (ou venenos?), para suprir o seu desespero e o da família. Ela concorda que precisa ter algo dentro dela, mas quer que seja do seu modo. Está confusa quanto aos objetos que têm/colocaram dentro dela, os quer e não os quer ao mesmo tempo. Quer saber também se ela vai poder entrar dentro de mim e colocar-me dentro dela, mas tem que ser do jeito que ela quer, controlando-me, face ao seu pavor de descontrole.

Sua angústia, que é um sufoco, tem a ver com a invasão de seu corpo e sua mente por esses objetos sufocantes, que ela precisa, quer deixar, não consegue, mas está tentando apossar-se deles de outra forma. Mas, essa outra forma pode também ser sufocante, e ao sufocar o objeto, ela o introjetará da mesma forma. É esse o beco sem saída, que ela me apresenta.

Antes, na sala de espera, me mostrou através da imagem, o ser monstruoso que se formou, com duas cabeças, mistura de mãe e filha, sufocando-se mutuamente. Isto pode ser revivido agora, o desejo e o medo da fusão.

Quando lhe falo desses medos ela se levanta bruscamente de minha cadeira, como que assustada, e vem sentar-se numa poltrona, na minha frente. Olha, rapidamente, de esquelha para um local no espaço, ao lado da cadeira de onde saiu. Como eu havia virado antes a poltrona, ela acaba ficando quase que atrás de mim.

Eu me viro de frente para ela (e, já sei que ela vai fazer com que eu tenha muito que "virar-me") e lhe digo que a sinto assustada. Acena que sim com a cabeça. Diz que está com medo, e me pergunta inquieta: "o que eu tenho, que loucura é essa ?" Diz que foi na França e corrige: "não, foi antes...". Depois me diz que não sabe se foi ou não foi à França.

Eu lhe digo que deve ser terrível sentir-se dividida em duas: uma que foi e outra que ficou. E repito, alternando meu olhar, ora em direção à minha cadeira, onde deixou o que imagino ser uma alucinação terrorífica, ora para ela: "uma que foi e outra que ficou". Olha-me com ar de surpresa, acenando um sim com a cabeça, enquanto acompanha meus olhos. Instantaneamente fica mais calma, acomodando-se na poltrona, onde antes parecia estar pronta para escapar.

Quero saber mais sobre essa suposta viagem. Diz irritada: "o sr. sabe !". Pergunto-lhe se ela tem a capacidade de saber o que eu penso. Diz que sim, que ela tem isso desde criança. E, me pergunta, mostrando uma curiosidade triste: "como a gente tem isso ?"

Penso que minha colocação sobre seus medos a fez reintrojetar de forma assustadora os objetos terroríficos e sufocantes que havia colocado dentro de mim, e em seguida os expelle no espaço, alucinados. Foge deles, e curiosamente, se aproxima de mim, agora tornado objeto protetor. Pode falar-me de sua loucura, espera que eu a contenha. Explica: tem a ver com cisões violentas, em que se sente dividida. Essas cisões são resposta a seus problemas de ficar misturada ao objeto e ao mesmo tempo procurar distanciar-se dele. Quando me diz que eu sei da sua viagem, novamente se misturou a mim. Posso discriminar-lhe o mecanismo e ela fica curiosa em saber como essa fusão ocorre. E, insiste, informando: "eu os uso desde criança".

Continua, me dizendo que o Osmar, o namorado, tem a ver com isso. Que ele faz que apareçam na televisão os pensamentos dela. Que perde muito tempo com isso.

Digo-lhe que me conta que o Osmar entra dentro dela, lhe rouba os pensamentos e os dispersa pelo espaço - com isso se sente vazia. Concorde e me pergunta como se chama o seu problema, o que ela tem, o que está acontecendo com ela. Sinto-a

desesperada em querer pelo menos nomear seu enigma. Intuitivamente pego uma folha de papel. Ela continua: "me vejo como uma repórter, vendo tudo o que eu penso na TV".

Ao ver-me com a folha de papel na mão, me pergunta: "O que o sr. ia dizer?" Eu pego a folha de papel com uma mão, de uma borda, mantendo a folha firme. Coloco uma tampa de caneta na folha. Nada acontece. A seguir coloco a caneta sobre a folha. Ela resiste. Explico-lhe: "tua mente foi sendo carregada, carregada, e de repente...". Coloco outro peso sobre a folha e tudo desaba, tampa, caneta, peso e papel, esparramando-se pelo chão. Olha, me ouve e acena com a cabeça que sim.

Imediatamente, levanta-se e senta-se em outra poltrona ao meu lado, bem próxima de mim. Olha-me nos olhos, fixamente. Sinto-me intimidado, mas não desvio o olhar. Parece-me um jogo, quem agüenta mais. Ela agüenta menos, e desvia.

A seguir, me diz que me conhece, agora com ar misterioso. Pede-me minha identidade. Após uma conversa em que tento saber que fantasias existem atrás de seu pedido, ela dissimulando, acaba me dizendo que tem dúvidas se pode falar mesmo. Quando a confronto com sua desconfiança, me pergunta se eu sou traficante. Sinto que devo responder, agora, e não interpretar. Digo-lhe que não. Agora está examinando minha identidade de médico, que eu acabei lhe dando. Enquanto a examina pergunto-lhe como através da identidade vai saber se sou ou não traficante. Olha-me surpresa, me diz: "desculpe", e me devolve o documento. Conta-me, a seguir, que um casal, na escola lhe deu balas e era droga. E, essa é a causa de sua loucura.

Neste trecho, penso que após demonstrar-me como projeta maciçamente nos outros (como o Osmar) e depois se sente esvaziada, quer que eu preencha algo desse vazio compreendendo e nomeando seus mecanismos mentais. Mostro-lhe, figurativamente, que ela projeta porque não suporta os objetos "pesados" dentro dela e com isso sua própria mente desaba. (Evidentemente eu fizera aquilo intuitivamente, só percebendo seu significado depois. Minha intenção não era deixar cair a folha de papel, só os objetos, mas eu a larguei "espontaneamente", assustado com o barulho dos "objetos" desabando).

O jogo seguinte, do olhar, me pareceu um desafio para ver se eu suportava a violência de sua projeção dentro de mim, se eu não desabaria com o "peso" dos seus objetos. Penso que ela se permitiu esse jogo, por estar mais segura quanto a minha força.

Mas, quer saber o que eu farei com ela, se a contiver dentro de mim. Farei como o casal parental, que a engana, que lhe dá leite/balas e depois verifica que são objetos maus, que a viciam e enlouquecem ? Os traficantes podemos ser todos nós: pais e analista. Quando consegue discriminar algo da confusão que está fazendo, me pede desculpas e me explica porque estava desconfiada (alimento envenenado), dando-me uma pista importante.

A seguir, automaticamente, sem planejar, peço-lhe a sua identidade. Fica surpresa e me diz que está com a mãe. Pergunto se ela não quer buscá-la. Sai e fico sentado esperando. Percebo-me algo inquieto e me indago se não entrei no jogo dela. Mas, ao mesmo tempo que me pergunto se estou contra-identificado, devolvendo-lhe os objetos que me enfiou, me percebo confiante em minha capacidade analítica e curioso em ver o que acontecerá. Volta com o documento. Leio o nome do pai, em voz alta, e indago dados sobre ele. Faço o mesmo em relação à mãe. No momento em que viro o documento, para o lado em que está sua foto, o arranca bruscamente de minha mão, se levanta e corre em direção à porta. Abre-a e diz: "vou embora".

Reajo imediatamente: "volta aqui, Paula". Ela fecha a porta e volta, mansa. Pergunto-lhe o que aconteceu, porque me arrancou a identidade. Responde: "porque você começou a falar de meus pais. Querem tirar-me de meus pais".

Neste momento Paula está olhando para o chão, assustada e algo envergonhada. Continuamos a conversa: nela Paula me conta que alguém quer roubá-la dos pais para que seja empregada, que isso ocorreu na França. A seguir, me fala de sua empregada, que é uma vampira. Tem dentes longos, cabelo esticado, sai sangue de sua narina. Atravessa portas à noite e chupa seu sangue. Mostra-me o pescoço, onde teria sido mordida. Diz que a grande esperteza da empregada vampira é enganar os pais, eles não acreditam na filha. O único aliado que tem, às vezes, é o pai. Por isso ultimamente tem dormido no quarto dos pais.

Quando fala do vampiro, gesticulando, deixa cair as costas de sua mão sobre a minha mão. Instintivamente a ia retirando, quando percebi. Mantive a minha mão sob a dela e tive a sensação de que poderia ser algo erótico. Após longos segundos ela a retirou.

Encerro a entrevista e digo que quero vê-la de novo amanhã. Concorda. Fico de pé examinando minha agenda, de costas para ela, procurando um horário. Ela se levanta e fica do meu lado. Encosta seu corpo ao meu, como que sem perceber. Ao mesmo tempo, pega de minha mesa o livro "Sonho, Fantasia e Arte" e o folheia. Havia outros livros, talvez de mais fácil acesso. Pede que lhe indique alguma leitura. Digo que amanhã falaremos disso.

Penso que ao pedir-lhe seu documento estou dizendo-lhe que quero investigar, junto com ela, o seu problema de identidade, que ela havia colocado dentro de mim. Ao indagar de seus pais, tento discriminá-los e discriminar-me para ela. Mas, essa discriminação a deixa aterrorizada, e isso emerge quando vou ver sua foto. Não quer que nós a vejamos individuada, mas provavelmente também fragmentada. Se se desprende, sente que estou roubando-a dos pais, com quem está fundida. Recupera-os, a si e a eles, excluindo-me bruscamente, e sai correndo em direção aos pais concretos, onde vai confirmar a fusão.

Quando a chamo, energicamente, me sente capaz de conter seus terrores, e quem sabe, pode ligar-se a mim. Mas, me conta dos perigos de perder-se dentro do outro: ficará submissa, perderá sua identidade, será empregada. As empregadas, submissas, ficam com muito ódio dos patrões e os atacam oralmente, sugando seu sangue, esvaziando-os porque se sentem desesperadamente vazias. Ela é, ao mesmo tempo: a empregada vampira que vampiriza os pais e o objeto do vampirismo dos pais, dentro do jogo projetivo-introjetivo.

Esses mesmos pais, no entanto, são protetores. Quando nomeia o pai, mostra um esboço de discriminação da relação entre os pais, possivelmente também vampiresca, em sua fantasia. A sua mão sobre a minha e sua insinuação com seu corpo, mostram a tentativa de sexualização da relação oral agressiva com o analista. Mas, também me

solicita que a contenha, como uma pele. Concomitantemente me pede, através dos livros, alimento bom para seus sonhos e fantasias.

A seguir chamo os pais. Paula assiste toda a conversa, sentada em minha cadeira de analista, longe, aparentemente alheia, e parece que lendo o livro citado acima. Trata-se de um casal sofrido, melancólico, que funciona como eu já intuía: em bloco.

A mãe é o porta-voz e o pai fica de pé atrás dela, semelhante à imagem que vira pela janela da sala de espera: um ser com duas cabeças. Não suporto por muito tempo a situação e peço ao pai que se sente.

Fico surpreso com a quantidade de informações que me passam sobre a vida do casal e sobre fatos íntimos, que normalmente não se falam na presença dos filhos. Fica clara a relação simbiótica (ou, melhor, parasitária) entre os três. Mas, nesse momento, Paula está "colada" a mim, sentada na minha cadeira. Ao mesmo tempo, enquanto lê o livro, "mama" em mim e faz de conta que não se incomoda se os pais fazem o mesmo, talvez porque estes carregam também aspectos seus. Há, porém, a possibilidade de um esboço de discriminação, se Paula se sente acolhida por mim.

Quando a entrevista termina fico com a sensação de ter sido invadido por um furacão. Sinto-me cansado, sobrecarregado, e percebo que é dessa forma que essa família se sente, Paula sendo o alvo principal, num momento em que ela, adolescente, está vivendo o processo de desprendimento. Um desprendimento desejado e ao mesmo tempo temido, por ela e pelos pais. Não fosse a predominância de fenômenos psicóticos manifestos em Paula, teria ficado em dúvida sobre quem deveria aceitar para análise: os pais ou a filha.

Após mais uma entrevista, em que Paula vem mais organizada, proponho efetuar análise com ela e todos concordam. Sinto que ela formou um vínculo forte comigo. Os pais foram encaminhados para outros colegas. (Durante o processo analítico da filha, os pais efetuaram vários tratamentos e acompanhamentos, todos por pouco tempo, sempre terminando em impasses em que responsabilizavam os colegas).

A análise tem ajudado que as partes cindidas de Paula se integrem. No entanto, ameaças de desintegração ocorrem, cada vez menos, mas sempre associadas a

situações de ansiedade, dela ou dos pais, quando se vislumbra a possibilidade de um desprendimento do bloco familiar.

Por exemplo, alguns meses após o início da análise, com Paula já retomando sua vida normal, os pais resolvem viajar para o exterior. A situação da viagem, trazida por ela, me pareceu bastante confusa, os pais marcando e desmarcando passagens, como que vacilando. Aos poucos percebo que Paula se mostra mais confusa. Numa sessão de segunda-feira, após um fim de semana prolongado, entra na sala assustada, olhando em torno e me pede, aterrorizada, que eu a ajude, que não a abandone. Pega no meu braço, segura minha mão, agitada. Levanta-se e senta-se, anda pela sala. Volta para perto de mim e me agarra. Olha fundo nos meus olhos e repete: "por favor, não me deixe". Vivencio seu pavor, que me parece real.

Ainda que perceba a influência do final de semana e isso lhe é assinalado, sinto que a mobilização continua, no aqui e agora. Quero saber melhor o que a está assustando tanto. Fala, de forma confusa, que ao entrar aqui percebeu que na casa ao lado moravam pessoas que queriam matá-la. Lembro-me que me falara de alucinações e delírios em relação aos vizinhos de *sua* casa, ocorridos antes de entrar em análise. Esses vizinhos também queriam matá-la e faziam magia negra, de noite, quando ela ouvia os ruídos e orações, o que a deixava aterrorizada e invariavelmente a fazia chamar os pais. Estes a medicavam, então, com anti-psicóticos e hipnóticos e a levavam para seu próprio quarto.

Continuo escutando os detalhes: ela não havia notado antes que os meus vizinhos faziam parte da seita de magia negra, ao lado de sua casa. Continua falando agitada, andando pela sala. E, me pergunta, agora em dúvida. "O sr. acha mesmo que seus vizinhos fazem parte da seita?". Sinto que preciso responder-lhe, falar-lhe a verdade. Digo-lhe que ela deve estar fazendo uma imensa confusão, que eu não acredito que meus vizinhos façam magia negra. Nesse momento, ela me diz que a casa deles, dos meus vizinhos, é igual à dos vizinhos de sua casa.

Automaticamente lhe digo que gostaria que me mostrasse as semelhanças. Saímos ambos do consultório, cruzamos com a mãe na sala de espera (que olha surpresa), atravessamos o jardim, saímos na rua. Ela vai na frente e eu a sigo. Atravessa

a rua, assim podemos ver melhor a casa vizinha (e a minha, já que meu consultório é na minha residência).

Olha para a casa e me diz que, na verdade, ela é diferente do que imaginava. Vemos minha vizinha na janela e Paula parece que aceita que se enganou. Sinto que agora está calma. Começa a falar-me que está assustada com a viagem dos pais. Acha que eles devem ir, mas teme ficar com muita saudade e piorar. Sua fala é coerente, acabou o terror. Senta-se na grama. O dia está muito bonito, convidativo para tomar sol sentado na grama. Pergunto-lhe se quer ficar aqui ou prefere entrar no consultório. Diz que, se eu não me incomodar, seria bom tomar sol. Acho sua proposta coerente com o que eu estava sentindo e fico ao seu lado.

O restante da sessão ocorre ali. Falo-lhe do medo que tem de que eu a abandone, junto com seus pais. Isso lhe traz lembranças da infância, da avó querida que morreu, e de outras situações de perda e luto. Emociona-se. Agora estou frente a uma pessoa predominantemente neurótica, lidando com lutos. Falo-lhe também de minha casa (que está à nossa frente) e do desejo que ela tem de ficar comigo, com minha família, quando seus pais viajarem. Ela concorda e fala dos meus filhos, de como imagina que eles devem ser felizes e bem tratados.

Penso que nesta sessão Paula me ajuda, criativamente, estimulando-me a defrontá-la com a realidade externa. Mais importante, no entanto, penso que foi o fato de que, ao acompanhá-la e ir à rua, isso a faz sentir-se protegida: tem com quem enfrentar seus objetos terroríficos, assassinos, alguém que não tem medo e a quem pode entregar-se. As alucinações tinham a ver com fantasias arcaicas, e eu já sabia que eram baseadas no filme "O bebê de Rosemary", ela sendo evidentemente esse bebê ameaçado, e futuro ser diabólico. Os objetos e fantasias terroríficas foram mobilizadas pelo fim de semana prolongado e pela viagem dos pais. A perda de objetos idealizados os transforma em terroríficos, atacando o bebezinho desesperado e impotente. O deslocamento para meus vizinhos tenta poupar o analista e sua família (como antes projetava nos vizinhos de sua casa o que imaginava que ocorria no quarto dos pais). Recupera-me como objeto bom e me convida a dividir com ela o prazer do sol protetor e carinhoso. Protegida pelo objeto bom, pode lidar melhor com suas perdas e lutos, incluindo a perda por não poder ter-me

totalmente, mas permitindo que eu cuide de meus filhos, ainda que de uma forma algo idealizada.

Essa situação insólita, de termos uma sessão na rua, nunca mais ocorreu.

Se a separação do analista e dos pais estimulava a utilização de mecanismos arcaicos, por parte de Paula, no início da análise, com o tempo o quadro se inverteu: a ansiedade maior provinha dos pais. A percepção mais clara desse mecanismo ocorreu aproximadamente seis meses depois. Paula parecia uma jovem "normal", vivendo perdas, buscas e confusões. O que a diferenciava, no entanto, era além do medo de ter novas crises, uma intensa relação ambivalente de amor desesperado e ódio mortal em relação aos pais, que continuavam ainda, em estratos de sua mente, indiscriminados entre si e com ela.

Após vários namoricos envolveu-se com mais firmeza com um rapaz. Um dia a mãe me telefona, agressiva comigo. Queixa-se que Paula anda muito mal-educada e suspeita que o namorado é um drogado. Quer saber de mim se Paula usa drogas. Fico de falar com Paula, passar-lhe o que ela me disse e fazer com que conversem entre si. Digo-lhe, devido a sua insistência, que todos poderemos conversar sobre isso, se eu achar necessário.

Quando Paula chega a sua próxima sessão sinto um clima de catástrofe: quando lhe conto da mãe, me diz que não quer que ela venha falar comigo, que os pais estão loucos, que eles que se tratem. Nega o uso de drogas e se diz apaixonada. Mas, logo se assusta: tem muito medo que os pais sofram, eles já sofreram tanto!. Acaba me dizendo que tem realmente "puxado fumo", mas que todos fazem isso na sua turma. Quer assegurar-se que eu não vou contar para a mãe. Diz que não vai mais fazer isso. Quando a sessão termina, estou insatisfeito e sinto algo indefinido, mas confuso, no ar.

Este clima se arrasta por algumas sessões, e optei por não chamar os pais, respeitando o desejo da paciente. Quatro sessões mais tarde, encontro toda a família na sala de espera. Querem falar comigo. Faço todos entrarem e Paula se apresenta como nas primeiras entrevistas, com o rosto transtornado, como psicótica, e passa a examinar meus livros e papéis, movimentando-se pela sala. Fico surpreso.

Enquanto isso, a mãe se queixa: a filha teve uma recaída, acha que são as drogas. Indaga agressivamente se eu sei o que estou fazendo ou se não seria o caso de procurar um especialista em drogas. Não me foi fácil lidar com seus ataques, em que mostrava estar com ódio do namorado da filha, mas principalmente, penso, da relação que eu mantinha com ela. Minha sensação era que estava sofrendo muito por perdê-la. Mas, não tinha condições de dizer-lhe isso. Paula falava como uma psicótica, mas desta vez não era convincente, me passava a sensação de precisar estar repetindo a situação das entrevistas iniciais. Senti que também estava bravo com ela, e pude conscientizar-me dos ataques que todo o bloco familiar fazia à relação analítica.

O final da entrevista foi insólito: quando a mãe resolve me "dar mais uma chance", Paula (que estava sentada examinando objetos da sala) se levanta, dirige-se a ela e lhe dá um forte abraço. Somente vejo as lágrimas da mãe, pois Paula ficou de costas para mim. Percebo que a filha diz algo no ouvido da mãe. Quando se vira para mim está sorrindo. Seu rosto voltou ao normal. Pergunto-lhe o que disse para sua mãe: responde contente que falou "estou com fome, vamos comer algo!"

Penso que nesse momento mãe e filha, que estavam se desprendendo, ambas desesperadas e com ódio, retomam sua relação, ainda simbiótica, mas talvez menos. Ao mesmo tempo, permitem que o analista continue com seu trabalho. Entretanto, sinto que fui advertido, com o recado: "tome cuidado, não nos separe, senão...". A crise "psicótica" desaparece instantaneamente, e me pareceu ter um conteúdo imitativo. A "drogadição" de Paula era, na verdade, a utilização do analista e da análise, que estava lhe permitindo deixar a "droga-pais". Estes, também "drogados", estavam com medo da "síndrome de abstinência", por perda da filha.

A situação foi mais grave quando Paula, um ano após, passou num vestibular muito concorrido, em S. Paulo, surpreendendo os pais e o próprio analista. A família toda passou a utilizar defesas maníacas, para não perceber a realidade do luto. Em poucas sessões resolveu-se que a análise seria interrompida e que Paula iria morar em S. Paulo com a mãe. Esta ia abandonar seu trabalho, seu marido e outros filhos, para ficar "temporariamente" com a filha, já que ela "era doente".

Não consegui, nem me deram tempo, para lidar com essa nova situação. Tudo era urgente, maníaco. Paula abandonou-me pela Faculdade, e principalmente pela mãe, e não consegui despedir-se.. Frente ao perigo da individuação o grupo familiar tomou atitudes rapidamente, retomando a fusão e excluindo-me, já que eu ficara extremamente ameaçador. Apenas consegui dar-lhes o nome de colegas de S. Paulo, que não procurou.

Um semestre depois, Paula volta. Fora um período maníaco: conseguiu que sua mãe a deixasse, foi morar numa república, fez dezenas de amigos e divertiu-se como nunca. Envolveu-se com drogas. Quando seu namorado de momento a deixou por outra, chamou os pais, desesperada, com uma crise de angústia e terror de enlouquecer, após uma bebedeira com uso de drogas. Já estava reprovada por faltas na Faculdade, e não era esse o curso que queria fazer.

Nesse momento, Paula retoma a análise comigo. Pudemos examinar minuciosamente tudo o que acontecera. Durante o restante do ano fez cursinho para vestibular. No início do ano seguinte, entrou em outra Faculdade, na sua cidade.

Continuamos lutando com as vicissitudes de seu desprendimento, que agora me parece mais possível, por parte dela. Atualmente Paula, agora com 20 anos, lida com suas ansiedades e vicissitudes edípicas de formas adequadas, ou, às vezes, utilizando mecanismos obsessivos, mas que me parecem menos doentios que os maníacos e psicopáticos anteriores. Não sinto mais, como antes, a ameaça de desintegração.

Ao mesmo tempo, há indícios de que os pais também estão lidando melhor com o desenvolvimento de Paula, mas ainda com fases de dificuldades. No entanto, não têm interferido no processo analítico, de forma direta.. Este trabalho já havia sido encerrado, em sua primeira versão, quando ocorreu uma interferência, subsequente à sessão que se segue:

É segunda-feira. Paula me conta que foi passar os feriados da Semana Santa na chácara de uma amiga, foram também mais duas moças e dois rapazes, todos amigos entre si. Diz que ficou lá chateada, não sabia porque, mas, depois, pensando atribuiu à situação em que se despediu da mãe. Achou que esta ficara desconfiada, insistindo em chamar sua atenção quanto ao uso de maconha, mas, desta vez, principalmente, que se cuidasse quanto a relações sexuais. Achou estranho, porque desta vez sua mãe dera

mais ênfase ao sexo, e sentiu-se tratada como se fosse uma puta. Ficou ainda mais irritada, porque ela não fora direta, falando as coisas de forma dissimulada. Teve vontade de brigar com ela, mas preferiu controlar-se.

No almoço, na chácara, estava sem fome e teve vontade de puxar fumo, mas percebeu que todos queriam almoçar. Ficou emburrada e quase não comeu. Uma amiga lhe perguntou o que estava havendo, porque todos perceberam seu mau humor. Ela respondeu que não sabia. Aí a amiga lhe disse, sem mais nem menos, que deveria sair de casa, que a relação com sua mãe é que a deixava assim. Ficou surpresa, porque estava achando ótimo ficar em casa, depois das vezes que saiu e passou mal, e achava que estava se dando relativamente melhor com sua mãe. Ambas “não estavam mais tão loucas”, e, mesmo as observações que sua mãe fizera, antes de ir para a chácara, pensa agora, não eram diferentes das das outras mães.

Enquanto Paula falava passaram, ao mesmo tempo, pela cabeça do analista, duas idéias: 1) a separação analista-analisando devido aos feriados, mas a sensação foi de que isso era um clichê; 2) uma certa estranheza, pela importância que Paula estava dando às frases da mãe, já que, há algum tempo seus raros palpites eram tolerados, pensados ou ignorados por Paula, de uma forma tranqüila, nunca havendo se falado de aspectos morais ligados a sexualidade.

Surpreendi-me, logo a seguir, pensando que estava falando com uma adolescente, com conflitos sexuais, e não mais com uma criança defendida, no período de latência, quase assexuada. Cheguei a formular, para mim mesmo, de forma vaga, a idéia de que era mais fácil anestesiarse com maconha, e que o apetite sexual ficou travado, defensivamente, também na comida. Estava nebuloso, ainda, como o analista entrava nessa história. Nada falei.

A seguir, Paula me conta que teve um sonho.(Os sonhos já faziam parte da análise, há algum tempo). Estavam num carro, a mãe dirigindo, e ela do lado, na frente. Atrás sentava-se a babá, uma senhora já idosa, que morara com eles e que tinha sido uma segunda mãe. Talvez, até, houvesse cuidado das crianças mais que sua própria mãe. No entanto, ela sabia que tinha sido a preferida da babá, a despeito de todos acharem que era sua irmã menor. Na verdade, ela tivera dúvidas, e quando criança insistia em perguntar a sua mãe e à babá de quem elas gostavam mais. A mãe sempre

dizia que gostava de todas igualmente. A babá, um dia a chamou escondida, e lhe disse que gostava mais dela. A partir desse dia ficou mais sossegada, mesmo percebendo que sua irmã menor era favorecida. No sonho, a babá tinha amarrada em seu cinto uma bolsa, uma espécie de pochette, algo estranha. E, dentro da pochette estava sua irmã menor. Ela estava doente, e a cada momento ia ficando menor e menor. Paula estava muito preocupada com isso. Num determinado momento percebeu que a mãe não estava nada preocupada, que se havia desligado do problema. Pensou então: “se minha mãe se desligou eu também vou me desligar”. E, parou de pensar na irmã.

Enquanto me conta o sonho lembro-me que me disse, algumas sessões atrás, que sua irmã menor talvez se casasse nos próximos meses, e que ela estava consciente de ter uma certa inveja, ainda que não estivesse interessada em casamento, nem em namorar.

Fica em silêncio por algum tempo e me surpreende com a seguinte questão: “Acho que não vai dar tempo para continuar falando, não sei se começo ou deixo para amanhã”. E, estamos no meio da sessão...

Falo-lhe de minha surpresa e lhe pergunto se não ficou irritada comigo pelo tempo perdido nos feriados. Concorda: diz que desde o sábado está esperando para vir à sessão, quer entender o sonho e o que lhe ocorreu nos feriados.

O analista novamente se surpreende: parece que está conversando com uma paciente madura, disposta a pensar, e não com aquela menininha-às vezes-adolescente, que se defendia constantemente dessa possibilidade.

Paula continua: na pochette havia dinheiro. Algumas moedas. Havia uma divisão - de um lado o dinheiro, do outro a irmã. O dinheiro lhe lembra o ultra-som de uma colega grávida, onde aparecera uma imagem que lembrava uma moeda.

Entre várias alternativas, me vejo falando-lhe de ciúmes. Pergunto-lhe se não me estaria falando da confusão que está sentindo pelo casamento de sua irmã. Por um lado, ela sente a perda, por outro lado espera que sua mãe, e ela mesma nada sintam. E, quem sabe assim, ela e a mãe podem ficar exclusivamente uma para a outra.(A terceira irmã não mora mais em casa).

Responde-me dizendo que a questão da amiga (que lhe sugeriu que deixasse a mãe) mexeu muito com ela, que realmente eu devo estar certo, talvez ela fique agora

sobrecarregada tendo que ficar como filha única. E. concorda comigo, existem dois sentimentos. O primeiro: ficar com a mãe, só para ela, e me conta que durante o almoço de Páscoa pensou que as duas outras filhas estavam com a mãe, mas tudo bem, que aproveitassem, porque depois a mãe ia sobrar só para ela. Interrompe.

Pergunto-lhe: "e o segundo sentimento ?"

Diz que se atrapalhou nos pensamentos, estava pensando novamente no tempo que sobrava para o final da sessão.

Digo-lhe que o segundo sentimento deve ser a vontade de deixar sua mãe, que a acusa dentro dela e quem sabe também fora, e ter sua própria vida. Mas, que se percebesse isso, teria que entrar em contato com a mulher que existe dentro dela, que quer ter sua vida sexual, seus filhos, e que isso ainda é muito difícil de admitir, inclusive aqui comigo. Tem que ir embora e ao mesmo tempo tem medo de ser mandada embora, tanto por mim como pela mãe. (Passa por minha cabeça o seu receio de estar comigo, homem, mas não considero o momento apropriado para levantar essa hipótese).

Mas, na continuação, diz que sentiu atração por um rapaz, na chácara, não foi só tesão, e, pela primeira vez em sua vida, em vez de brincar com ele e "ganhá-lo", ficou inibida e sem graça. Acha que por isso ele não lhe deu bola.

Falo-lhe que seus afetos e sexualidade agora são mais profundos e por isso mais perigosos. Por isso vacilou em falar deles, aqui. Mas, que neste momento, está podendo confiar em mim para que os investiguemos. Amanhã poderemos continuar.

Essa sessão foi de manhã. No final da tarde recebo um recado na Secretária Eletrônica, da mãe de Paula, pedindo que ligue para ela. Faço-o, conscientemente, de má vontade. Agradece por ter-lhe ligado e diz que é um assunto sem nenhuma urgência, mas que está fazendo o Imposto de Renda e percebeu a falta de um recibo: diz que não me preocupe, mas se por acaso eu puder verificar, ela ficaria grata. Digo-lhe que vou investigar. Acho-a muito educada, demais para o que eu a conheço. Agradece-me de novo e me diz: "eu sei que não devo interferir no tratamento, mas gostaria de dizer-lhe que *eu* estou muito bem. Desculpe, é ela, Paula que está indo muito bem". Ri de seu lapso e complementa: "eu também estou indo muito bem". Vacila e fala: "só gostaria que ela arranjasse um namorado firme, mas acho que com o tempo isso vai ocorrer, o senhor

não acha ? Desculpe, não devia ter falado isso". Repito que verificarei o recibo e falarei com Paula sobre isso.

Penso que nesta sessão a junção dos feriados, do analista-mãe longe, com sua própria vida sexual, somada ao encontro com rapazes, e ao casamento da irmã, a fizeram entrar em contato com conflitos ligados a exclusão, mas também com sua feminilidade e sexualidade. Fica confusa, mal-humorada, obstruindo seu apetite, condenado pelo objeto interno-rival, a mãe, identificada também com o analista. Ao mesmo tempo, ser liberada por esse objeto interno, representa abandonar e ser abandonada pela mãe-babá desejada, com quem também se encontra fundida, agora as duas não mais tão "loucas". O analista representa tanto a mãe que a estimula a ser mulher, trabalhando com ela e deixando-a nos feriados com seus amigos, como a mãe rejeitante, que a trai. Quando isso pode ser, de alguma forma, evidenciado, surge o sonho.

Nele são revividos conflitos ligados à fusão com a mãe e à rivalidade com a irmã, produto da sexualidade dos pais. Esta, grande, que vai casar-se, é reduzida a um feto, atacada e por isso doente e esquecida por ela e pela mãe. Mas, ao mesmo tempo, esse feto, valioso, uma jóia-moeda, é ela mesma, quer ser a mais querida de todas. Aí voltaria para o "útero", se fusionaria com a mãe (e o analista) e não precisaria lidar com a sexualidade, o desejo do outro. Se crescer, terá que assumir-se como mulher. As vacilações em contar-me tudo isso mostram como eu também estou sendo representado em seu mundo interno: alguém de quem tem medo, objeto rejeitante e, possivelmente também perigoso, incestuoso. Quer também ser a preferida, correndo o risco da fusão. E, ao mesmo tempo, precisa saber se a compreendo e a aceito do jeito, confuso, que está podendo ser.

O telefonema da mãe mostra que está ocorrendo um movimento interessante também na família. A mãe se confunde com a filha, mas ambas estão melhorando. Na verdade é a mãe que me passa recibo pela melhora. Mas eu ainda lhe devo algo. Surpreendentemente, aparece uma identificação sadia com a filha: agora quer que ela

seja mulher, arranjando um namorado firme, e me solicita ajuda para isso. Sei também, através da filha, que a mãe está novamente "namorando" seu marido.⁸

Espero que o caso tenha sido suficientemente ilustrativo para demonstrar as identificações projetivas cruzadas entre pais e filha, e como elas podem atingir o analista. Estou certo que, se não tivesse acolhido os pais reais (e não foram mais que em 3 ocasiões, durante todo o processo analítico), a análise teria sido interrompida. Por outro lado, penso ter demonstrado que a comunicação não verbal, com a valorização dos sentimentos do analista, nos momentos mais desintegrados, foi a melhor via de acesso ao mundo interno de Paula, mas ela também foi útil nos períodos de maior integração.

2.UMA SENHORA

Uma senhora de 50 anos entra para entrevista. O analista acredita que ela deseja analisar-se, a partir de conversa telefônica.

Antes mesmo de sentar-se inicia um discurso em que as palavras são sentidas pelo analista como projéteis. Parece não parar sequer para respirar. O analista se sente atingido e, posteriormente verificará, que teve atacada sua capacidade de pensar.

As palavras da senhora comunicam em dois níveis: o primeiro, o descrito acima. No segundo nível, fala de seu filho único, com 18 anos, que ela está certa que irá tentar suicídio, está esquisito, não fala com ninguém. Tudo isso vem com um dilúvio de informações: o analista sente que pode afogar-se nelas e tenta recobrar o seu fôlego. Já

⁸Há algumas semanas, certamente por medo de se desfazer uma relação fusional entre mãe e filha, a mãe, chamada Ana Rita, mandou a filha (Ana Cristina) comunicar-me que a análise teria que ser interrompida por problemas financeiros. Recusava-se a conversar comigo. Após trabalhar o assunto com a adolescente Ana Cristina (que queria continuar a análise e estava sofrendo muito com a situação) pensei que só me sobrava a possibilidade de telefonar para a mãe, Ana Rita. Eu não a conhecia, pois meu contato anterior, não por acaso, fora apenas com o pai, que agora estava no exterior. No telefone, me apresentei, dizendo: “D. Ana Rita, aqui quem fala é o analista de sua filha, Ana Rita”. Percebi, imediatamente, que havia trocado o nome da mãe pelo da filha. Ao tentar corrigir-me, quase chamo a mãe de Ana Cristina. A percepção da confusão me fez rir ao telefone. A mãe riu também. Em dois minutos o problema financeiro foi resolvido, como se tivesse sido um simples mal-entendido, e a análise continua. A rapidez da solução me faz pensar se o meu lapso não foi interpretado inconscientemente pela mãe, ainda que não saiba como, essa interpretação tendo sido útil para o processo. Estou quase certo que a mãe estava necessitando também da atenção do analista. Evidentemente intuo problemas futuros, mas senti que abriu-se uma brecha possível na fusão, que poderá ser trabalhada no futuro. (Obs: os nomes citados foram escolhidos por analogia com os reais).

não sabe ao que veio a senhora e se sente confuso. Quando a atmosfera está quase insuportável (e só passaram poucos minutos) o analista resolve interromper a fala. Como que percebendo isso, a senhora dá o golpe final: muda seu tom de voz e sedutoramente diz que somente este analista poderá cuidar de seu filho, e lhe pede, em tom de segredo, que nunca diga ao rapaz que ele não é seu filho legítimo, que foi adotado quando bebê. Antes que o analista possa recobrar-se da surpresa ela afirma que confia em sua discricção e quer já marcar os horários e saber dos honorários.

O analista ainda nada pôde dizer. Apenas tentou, sem muito sucesso, discriminar algo. Posteriormente verificará o que ocorreu. Sem pensar, diz à senhora que não pode atender seu filho porque a psicanálise lida com a verdade e ele não pode analisar ninguém tendo a obrigação de manter um segredo. E complementa dizendo que só poderia aceitar o rapaz para análise se este soubesse que é adotivo.

(O trabalho desta dupla analítica foi acompanhada muito de perto por mim, e quando me foi relatada esta entrevista, senti o perigo de soçobrar nas informações extremamente prolixas do colega que as trazia, tornando-me impotente; logo verificamos que o mesmo havia ocorrido com ele na entrevista, mas não tinha consciência clara disso.)

A mãe continuou insistindo, mas o analista mostrou-se firme, recusando-se a ver o paciente e acabou indicando outros colegas. Já durante o processo, e, principalmente quando a mãe saiu, o analista percebeu que estava extremamente incomodado. Tinha a sensação de ter feito algo errado, não sabia exatamente o quê. Era sua última consulta do dia, e percebeu que no restante da noite, estava irritado consigo mesmo, triste e sentindo-se incompetente. Assumiu que tinha algo a ver com essa entrevista, mas, ao mesmo tempo que sabia que deveria pensar no que lhe estava ocorrendo, outra parte sua se negava a fazer isso. Tinha esperança que, com o tempo, seu mal-estar passasse, sem ter que examiná-lo. Pensou apenas que, por sorte, sua família estava viajando, e não precisaria mascarar seu mau-humor. Dormiu muito mal, devido a uma intensa dor de cabeça.

No dia seguinte, mais ou menos no mesmo horário da entrevista com a senhora, o analista recebe um telefonema desesperado e acusador. A mãe, "seguindo os conselhos do analista", contara ao filho que era adotado. O rapaz quebrou os móveis da casa, gritou

com a mãe e a agrediu, dizendo-lhe que preferiria não ter sabido e que ela lhe havia feito um mal terrível ao passar-lhe essa informação. Saiu de casa à noite, e não havia voltado, passadas quase 24 horas.

Poderia, para discutir essa situação, propor várias seqüências hipotéticas de eventos, envolvendo emaranhamentos de identificações projetivas, que nos levariam a um processo circular. Podemos começar por qualquer ponto do círculo, que a ele voltaremos. Assim, a escolha do ponto inicial é arbitrária:

1) O jovem, através de identificações projetivas maciças (manifestas por meio de esquisitice, silêncio), colocou dentro da mãe aspectos evacuados. Os conteúdos, terríficos, foram sentidos pela mãe como ameaça de morte. Daí sua vivência de que o filho iria tentar suicídio. Ao mesmo tempo, os conteúdos que foram internalizados, mobilizaram fantasias próprias, possivelmente de morte homicida e suicida.

2) Podemos formular a hipótese que essas fantasias eram o resultado de sua ambivalência na adoção do bebê, adoção essa que confirmava que ela era infértil, possuidora de objetos mortos. Esses objetos eram o resultado de ataques que havia feito ao corpo de sua mãe, ataques esses efetuados através de identificações projetivas, e reintrojetadas. Estamos agora num terreno totalmente hipotético, lidando com as figuras parentais da senhora, e com processos de identificação que supomos doentios.

3) Voltando à mãe: os conteúdos que o filho lhe introduziu, através de identificações projetivas, mobilizaram também fantasias de perda desse filho. Não apenas a perda por suicídio, mas a perda decorrente do desprendimento da adolescência, o filho se individuando, tornado adulto. Nesse filho estão projetados identificativamente aspectos internos da mãe, possivelmente perdidos dentro dele. Se forem conteúdos idealizados, de vida, a perda do filho se constituirá na morte da mãe. Esses objetos podem também ser idealizados como defesa contra a persecutoriedade. Outras fantasias e objetos indiscriminados e persecutórios, podem ter também sido depositados no adolescente. O desprendimento do jovem poderia fazer com que esses aspectos tenham que ser reintrojetados violentamente, correndo-se o risco de catástrofe, com possibilidade de morte, suicídio e loucura da mãe.

4) A mãe se defende dessas ansiedades procurando o analista. Traz os conteúdos do filho, misturados aos seus, e os projetará dentro do analista, violentamente. Sua fala é uma descarga de elementos beta, cuja função é despertar sentimentos no receptor. Entre eles, fazer o analista atuar os seus desejos, contraditórios, responsabilizando-o quanto à informação ou não, da adoção do filho. São atuadas também as fantasias de constituir um casal parental, ela e o analista, deixando o filho excluído. Dessa forma, estimula-se o analista a que se encarregue de lidar com a exclusão: ele que decida se se mantém a simbiose, ou se promove o desprendimento. Na verdade, a mãe procura uma figura paterna, para que possa desprender-se do filho, ao mesmo tempo que a seduz para que isso não ocorra. É possível que essa senhora esteja revivendo seus próprios conflitos edípicos, envolvendo o filho e o analista, através de suas identificações projetivas.

5) O analista se sente violentado: essa violência é o resultado das projeções violentas da mãe, mas tem também relação com o tipo de objetos que estão sendo expelidos dentro dele: sádicos, terroríficos, mortíferos, e, ao mesmo tempo, confusos, frágeis, mortos. As ansiedades persecutórias e confusionais entram dentro do analista, que se identifica com esses conteúdos, sentindo-se confuso e paralisado. Sua função alfa fica prejudicada.

6) O analista, mesmo sem nada falar, faz a mãe perceber que o conteúdo que enfiou nele será devolvido. Minha hipótese é que existiu uma comunicação não verbal, que através da expressão do analista, ou algo inefável, fez a mãe sentir que deveria mudar a tática. Estou propondo, portanto, que as identificações projetivas da mãe também serviram para esquadrihar o interior do analista e captar a possibilidade de devolução dos conteúdos para dentro dela.

7) A mãe muda de tática. Em vez de aterrorizar o analista com os objetos descritos acima, enfia-lhe objetos idealizados, tentando seduzi-lo. Possivelmente este padrão é o mesmo que utiliza com o filho.

8) O analista percebe, inconscientemente, que esses objetos são também sádicos, e procura expeli-los, devolvendo-os violentamente para dentro da mãe. Essa expulsão se faz através de acusações: a mãe é má, por não ter contado ao filho que é adotado, e por exigir que o analista fique com o problema. Na verdade, as identificações projetivas da mãe, mobilizaram aspectos internos do analista.

10) Hipoteticamente, podemos supor que o analista teve remexidos seus conflitos relacionados a verdade/mentira, onipotência/impotência, idealização/denegrimento, além de outros, possivelmente alguns ligados a vicissitudes edípicas e exclusão. Sentiu-se testado, e assustado com o teste. Identificou-se com o rapaz, violentado, enganado e seduzido. Neste momento, vemos como os conteúdos do adolescente atingiram o analista, a mãe sendo a portadora. O modelo de contágiosidade se impõe. Evidentemente, conjuntamente, teremos conteúdos próprios da mãe projetados dentro do analista.

11) Ao rejeitar as identificações projetivas da mãe, contraidentificado e/ou estimulado na sua contratransferência complementar, o analista rejeita a mãe (e o jovem), devolvendo-lhes o que lhe foi projetado, possivelmente com conteúdos próprios que foram mobilizados.

12) A mãe saindo, o analista percebe seu incômodo. Ele pode ser compreendido de várias maneiras, hipoteticamente: a) ansiedades decorrentes de seus próprios conflitos reativados; b) sentimento de impotência e culpa, por não ter podido conter as identificações projetivas da mãe (e, indiretamente do adolescente); c) sentimento de culpa por ter violentado, retaliativamente, a mãe e o filho; d) sentimento de esvaziamento por ter enviado aspectos próprios para dentro da mãe.

13) O analista se sente feliz por sua família estar viajando, intuindo que ela seria objeto das identificações projetivas dos conteúdos que pedem para ser expelidos. Adiante veremos que se tratou de uma racionalização.

14) Parte desses conteúdos são projetados identificativamente em objetos internos e no corpo do analista, em particular na cabeça, que dói. O "dormir mal" é sinal da turbulência de seu mundo interno.

15) Por outro lado, a mãe, que não conseguiu descarregar seus conteúdos, se re-encontra com o filho. Aqui já tínhamos um processo de identificações projetivas cruzadas, antigo. Agora enfia dentro do filho seus conteúdos, alguns sendo re-projetados no mesmo (que os enviara à mãe), e outros sendo aspectos próprios, somados ainda aos que o analista lhe introduziu e devolveu.

16) O filho não suporta essas projeções da mãe, e as expele através de vários mecanismos, juntamente com conteúdos próprios: a) atuação violenta, maltratando a mãe

e quebrando os móveis, que representam a mãe e objetos internos de ambos. b) desprendendo-se violentamente dela, mas deixando na mãe seus sentimentos de culpa, tanto pela violência, como pela tentativa forçada de individuação. c) ao mesmo tempo, ataca a mãe, acusando-a de obrigá-lo a se individuar, e sentindo-se premido por ela a lidar com seus intensos conflitos, antes escondidos, mas que a informação de ser adotado, mobiliza: agora terá que haver-se consigo mesmo. Existe mais uma acusação implícita: dessa mãe ter, na fantasia do jovem, sido a responsável pelo desprendimento traumático do bebezinho da mãe natural, deslocando a acusação da mãe verdadeira.

17) Agora a mãe tem que expelir sua impotência, culpa e violência. Para tanto usa o telefone, e o analista será o alvo. Este terá que reintrojetar o que expeliu, além de outros conteúdos, mais violentos ainda. Ao desligar o telefone, a mãe deixa parte dos conteúdos dentro do analista, e este terá que haver-se com eles.

18) O analista, transtornado, procura o supervisor numa situação de emergência, e, através de identificações projetivas, coloca dentro dele toda a impotência e a violência que está vivendo. Mas, agora, o objetivo das identificações projetivas é basicamente a comunicação. O analista já recuperou, em parte, sua função alfa, e pode pedir ajuda para pensar. O supervisor, menos envolvido, com a ajuda do supervisionando, pode decodificar parte do que aconteceu. Em seguida, o analista recupera sua capacidade analítica e é capaz de perceber seus próprios conflitos reativados, inclusive pela viagem de sua família, aspectos esses que dividiu com o supervisor, premido pela ansiedade.

Poderíamos continuar com o ciclo, estudando o que ocorreu entre mãe e filho, mas penso que a ilustração do jogo de identificações projetivas cruzadas, neste caso, já é suficiente.

O jovem voltou para casa e, dias após, procurou o mesmo analista. Durante a primeira fase da análise o paciente, predominantemente, descarregou elementos beta dentro do profissional, acusando-o por seus problemas (atribuídos a tomar consciência que era adotado), mas, concomitantemente, ao atacá-lo, testava se o profissional não seria destruído por ele, se não o abandonaria. Com o tempo, acabou permitindo-se “adotar” o analista e “ser adotado” por este, adquirindo possibilidades de uso de função alfa e de pensamento.

Penso que, se o analista não tivesse se deixado perturbar pelo emaranhado de identificações projetivas, possivelmente haveria intuído a percepção de demanda inconsciente de análise, por parte da mãe. O filho poderia, então ser encaminhado para outro analista. Mas, surpreendentemente, como não raro ocorre em nosso trabalho, o paciente acabou iniciando a análise com esse mesmo analista, tão “odiado”, e a emergência desse sentimento pôde ser usado criativamente pela dupla. Posteriormente a mãe percebeu também sua necessidade de análise e procurou outro profissional. Ambos, mãe e filho, continuam suas análises, atualmente, sem que haja qualquer interferência manifesta no processo do jovem.

No trabalho citado (CASSORLA, 1993) podem encontrar-se mais elementos relativos ao modelo que estou propondo, assim como a outro modelo, em que os personagens "fazem vista grossa" para o que está ocorrendo, principalmente a re-emergência de vicissitudes edípicas, utilizando também mecanismos ligados à tríade bioniana - arrogância, estupidez e curiosidade (BION, 1958).

V. CONCLUSÕES

Minha proposta, neste trabalho, foi salientar a importância do objeto externo e da auto-percepção dos sentimentos do analista, em psicanálise de adolescentes. O raciocínio pode ser ampliado para as análises em geral, em particular com pacientes mais regredidos.

Para tal, parti da constatação de que existe um emaranhado de identificações projetivas cruzadas, que permeiam a relação entre pais-analisando-analista, podendo ser incluídos outros objetos. Para que essas identificações projetivas possam ser utilizadas pelo analista, em proveito do processo, ele deverá utilizar a percepção dos seus sentimentos, que poderemos chamar de contratransferência, se utilizamos o referencial mais utilizado atualmente, ou "derivados conscientes da contratransferência" (se só consideramos seus aspectos inconscientes). Sempre tomando-se os cuidados necessários para discriminar se os conflitos não são os do analista.

Isto implica em dedicar-se o suficiente para conhecer a dinâmica familiar, e a forma como a comunicação e a descarga através de identificações projetivas, ocorre dentro da

família. A análise de adolescentes, levando em conta as figuras reais dos pais, pode ser enriquecedora.

Como já salientei, não se postula que o analista de adolescente analise os pais, mas que possa diferenciar, por vezes, o que são conteúdos internos do adolescente e o que são atuações devidas a identificações projetivas que foram introduzidas no jovem pelos pais.

Com isso o analista poderá perceber, também, com mais facilidade, quando ele está sendo atingido pelas identificações projetivas dos pais, diretamente, ou com o adolescente servindo de intermediário. Isso permitirá que se lide, mais vigorosamente, com sabotagens que os pais fazem à análise, podendo-se trabalhar esses aspectos, eventualmente, com toda a família, em momentos críticos. A forma de inclusão ou não da família dependerá dos hábitos do analista, e já descrevi acima como me comporto, atualmente.

A análise dos pais, quando necessária, por outros analistas, já será meio caminho andado na análise do adolescente. Mesmo a orientação dos pais, poderá ser extremamente útil. Terapias familiares podem também ser enriquecedoras. Em situações mais graves, a retaguarda de uma equipe de saúde mental será indispensável.

Espero que a descrição de aspectos do trabalho com PAULA e a situação da SENHORA, tenha deixado claras minhas propostas: que o analista deve aprender a lidar com situações críticas, que envolvem identificações projetivas cruzadas de múltiplos objetos. Desemaranhar-se delas, e utilizá-las criativamente, será o resultado de seu desenvolvimento como analista. Lembrando que somente a ousadia em tentar (sabendo quais são os erros que devem ser evitados), permite que o contato emocional profundo ocorra. Isso implica em não impermeabilizar-se, defensivamente. Pelo contrário, há que estar bastante aberto. As identificações projetivas, muitas vezes, serão sutis e dissimuladas, e somente se o analista está disponível, deixando-se invadir por elas, é que poderá utilizá-las para compreender o que está ocorrendo.

O analista terá que manter seu ouvido afinado tanto para identificações projetivas estrondosas, como para ruídos quase inaudíveis. Transformar o barulho em música, possível de mobilizar sentimento e pensamento, ligados à vida, será sua árdua tarefa.

Árdua, mas extremamente agradável, por permitir-lhe sentir, com toda a intensidade possível, que pode usufruir também de sua força de vida.

AGRADECIMENTOS: Aos candidatos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. Paulo: Ana Aparecida Barbosa, Ana Balkanyi Hoffman, Ana Rita Nuti Pontes, Ana Maria Brias Silveira, Lia Fátima Christóvão, Maria Lúcia Castilho Romera, Mércia Maranhão Fagundes e Zenaide Aparecida Brasil da Rocha, que colocando-se sinceramente, me forneceram subsídios para este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY A. & KNOBEL (1971). *La adolescencia normal*. B. Aires: Paidós.

ALVAREZ, A. (1994). *Companhia viva*. Porto Alegre: Artes Médicas.

BION, W.R. (1956). Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico. In *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio: Imago, 1967, pp. 39-44.

_____ (1958). Sobre arrogância. In *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio: Imago, 1967, pp. 81-86.

_____ (1962). O aprender com a experiência. In *Os elementos da psicanálise*. Rio: Zahar, 1966.

_____ (1963) *Os elementos da psicanálise*. Rio: Zahar, 1966.

_____ (1973). *Conferências brasileiras: S. Paulo, 1973*. Rio, Imago: 1974.

BLEGER, J. (1977). *Simbiose e ambigüidade*. Rio: Francisco Alves.

BLOS, P. (1985). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. S. Paulo: Martins Fontes.

CASSORLA, R.M.S. (1990). *Comunicação primitiva e contrarreações na situação analítica*. Mimeo. Soc. Bras. de Psicanálise de S. Paulo. Também em *Arq. Psiq. Psicot. Psicanal. (P. Alegre)* (1995) 2(2): 11-33.

_____ (1991A). *Aspectos sobre o processo de dessimbiotização na adolescência*. Mimeo. Soc. Bras. de Psicanálise de S. Paulo.

_____ (1991B). Considerações sobre um tipo de comunicação intuitiva. *Rev. bras. Psicanál.* 25(3): 515-530.

_____ (1993). Complexo de Édipo, curiosidade, vista grossa e catástrofe psicológica. *Rev. bras. Psican.* 27(4): 607-626.

_____ (1996). *Reflexões sobre a psicanálise com pacientes potencialmente suicidas*. Mimeo. Soc. Bras. de Psicanálise de S. Paulo.

FERRO, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Rio: Imago.

GRINBERG, L. (1957). Perturbaciones en la interpretación por la conraidentificación proyectiva. *Rev. Psicoanál.* 14: 23-29, 1957.

_____ (1976). *Teoria de la identificación*. Buenos Aires: Paidós.

_____ (1982). Más allá de la conraidentificación proyectiva. *Actas - XIV Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis*.

HEIMANN, P. (1950). On counter-transference. *Int. J. Psycho-Anal.* 31: 81-84.

HINSHELWOOD, R.D.(1992) *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

LEVISKY, D. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos (vol. III das Obras Completas de M. Klein)*. Rio: Imago, 1991, pp. 17-43.

_____ (1955). Sobre a identificação. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos (vol. III das Obras Completas de M. Klein)*. Rio: Imago, 1991, pp. 169-204.

MELTZER, D. (1971) *O processo psicanalítico*. Rio: Imago.

_____ (1978) *The kleinian development*. Pertshire: Clunie Press

_____ (1979). *Estados sexuais da mente*. Rio: Imago.

MONEY-KYRLE, R.E. (1956). Normal counter-transference and some of its deviations. *Int. J. Psycho-Anal.* 37:360.

PAZ, L.R. (1980) Adolescência-crise de dessimbiotização. In ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 165-184.

RACKER, H. (1960). *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.

ROSENFELD, H.(1987). *Impasse and interpretation*. London: Tavistock.

SPILLIUS, E.B. (1991). Técnica: introdução. In _____ *Melanie Klein hoje*, vol 1, pp. 201-207.

_____.(1994) Experiências clínicas de identificação projetiva. In Anderson, R. (org.) *Conferências clínicas sobre Klein e Bion*. Rio: Imago, pp. 73-87.

STEINER, J. (1991). *Patient-centered and analyst-centered interpretations: some implications of 'containment' and 'countertransference'*. Mimeografiado. Soc. Española de Psicoanálisis.